

VÉRTICE

REVISTA DE CULTURA E ARTE



DEPÓSITO LEG.

-3 JUN 1950

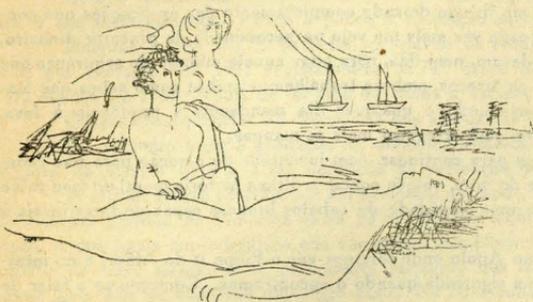
SUMÁRIO

● **O povo e as crises nacionais**, de Mário Braga
● **Lamentação**, poema de António Ramos Rosa ● **Ilheu**, poema de Jacinto Soares de Albergaria ● **Poesia**, de José Terra ● **A partida**, capítulo de romance de Vergílio Ferreira ● **As relações entre Camilo e Junqueiro**, J. Sousa Mendes ● **As técnicas projectivas no estudo do carácter**, Castro Alves ● **A ciência e os seus fins**, A. Nunes Aboim ● **Pelo caminho....**, crónica de Fernando Salgado ● **PANORAMA: Sobre as publicações de provincia**, de Rui Feijó ● **O mês cinematográfico**, Alves Costa ● **O 25.º Aniversário da descoberta das Anatoxinas**, António Martins Mendes ● **Carta aberta a Álvaro Sampaio**, Antero de Sousa ● **Folhetim**, de José Cardoso Pires (il. de Dias Coelho) ● **CRÍTICA: Dos Livros**, José Fernandes Fafe, Armando Bacelar, Ilse Losa, H. L., Antero de Abreu e L. A. ● **Do Teatro**, Manuela Porto

UMA ASA DE CORVO

Escrevo sem pensar: uma asa de corvo...

(Carlos de Oliveira)



Uma asa de corvo, negra e áspera, rasgou-lhe o peito e tomou-o de todo até à morte numa rua sombria de Baltimore.

Por cima, era o céu pardo, os beirais escorridos sobre as casas do velho estilo colonial. E no chão, ele.

Tombara de borco contra as pedras sem um grito de espanto, tendo ainda essa asa de corvo a estremecer-lhe no arcabouço gasto.

Conta-se que naquela noite as chuvas inundaram as ruas sujas de Bal-

timore e que as águas arrastaram o cadáver do poeta pela cidade, como acontecera com a cerveja na taberna de Hop Frog; e também que havia peste, fome e guerra e, sobretudo, terror.

Foi num tempo assim que apareceram William Wilson, Berenice, a Duas-Vezes-Morta, Tripetta, Eleonora, e as perversidades, os demónios mansos, o corvo negro dos delírios. Então tudo se sacudia no estreito Poço do Terror, os vivos e os mortos. Tinham-se aberto as catacumbas mais secretas que dormiam sob as cidades, nas adegas e nas ruas os cadáveres estoiravam os ataúdes, e os vivos e os defuntos, baralhados, atiravam-se contra os muros do Poço estreito.

Por cima, oh, por cima, oscilava o implacável Pêndulo da Inquisição.

Friamente, girava sobre um mundo todo, perto, cada vez mais perto, das cabeças daquela gente que se assassinava na ânsia de lhe escapar. Nisto, chegou a loucura com todas as máscaras, as armadilhas, as noites danadas, os amores de má-morte.

Estranhamente imóvel, estava Edgar Allan Poe sentado no fundo do Poço, contemplando com uma luzidez de vidro o oscilar do Pêndulo sobre a própria cabeça e o terror sobrenatural que este movimento criava à sua volta.

Tinha aos pés uma garrafa de *old gin* e nos olhos um brilho ávido de realidade, um desejo das coisas concretas que jamais conseguira alcançar.

A MORTE CIVIL

*que não badalam os sinos?
são nos mortos tão cruéis.*

(De uma trova da Beira)

— Escuta, dizia-me há tempo o meu velho e parecia recitar aquela passagem de Poe:

«Escuta — disse o demónio pousando a mão sobre a minha cabeça — o país de que te falo é um país lúgubre, ali não há repouso nem silêncio. As águas do rio, amarelas e insalubres, não correm para o mar...»

Muitas vezes se punha o meu velho companheiro das horas da infância a falar destas e outras coisas que, na sua opinião, tinham muito que se lhes dissesse, como, por exemplo, aquela história do «Rei Peste» ou a do «Poço e o Pêndulo», assuntos muito bem engendrados onde havia um fundo que muita gente com certeza não entenderia mas que era a pura das verdades.

Estava tudo ali, naqueles dois livrinhos da *Bibliotheca Universal Antiga e Moderna a 100 reis cada volume* (guardados na arca de pele de cabra, no palheiro velho, por baixo da História do João Soldado e dos fascículos da Edição Magestosa de uma obra chamada «Constantinopla» por não se sabe quem, e da «Velhice do Padre Eterno»).

Estava tudo naqueles dois livrinhos do Poeta Americano. Coisas que, parece impossível, têm uma grande moralidade, e muitas delas são tal e qual o que hoje se está a ver por esse mundo, com esses mistérios, essas mortes secretas, que o meu velho e todos nós não somos muitas vezes capazes de imaginar e que são fim de contas, como dizer? — a pura das verdades, aí está.

Um grande homem, sim senhor, o Poeta Americano. O meu velhote falava dele e acabava sempre por se ficar a sacudir a cabeça, em ar de desalento:

— Vês tu, rapaz? E deixaram eles assim acabar um homem destes...

A mim, cada vez que lhe ouvia isto, surgiam-me bem graves interrogações: problemas que iam das questões de estética às responsabilidades do escritor perante a sociedade, e da sociedade perante o escritor; coisas das mais estranhas relações que existem com certeza entre alguns filmes de psicanálise e certos telegramas das agências officiosas, etc., etc..., até ao caso das cento e tantas universitárias de Illinois, U. S. A., que cairam desmaiadas aos pés dos *music makers* de todos os bares ao som de qualquer das vozes talvez masculinas, talvez sexuais ou, quem sabe, talvez de estupro-após-guerra.

E entretanto, na aldeia de Fronteira Velha, correio do Fundão, João Miguel Carriço, espancava os homens mais valentes das redondezas e saltava para a rua, às farroncas:

— Venha o poeta, com mil diabos. Venha o poeta se é homem.

A noite nem tremia, acalmava-lhe as passadas nas vielas desertas, e os galos respondiam-lhe nos quintais anónimos dos arrabaldes.

Mais tarde saltou-lhe ao caminho Mário Mocito que chegara das invernadas. Carriço aguentou-lhe as primeiras investidas e depois caiu de cama com o corpo inchado e a barriga escorrendo líquido por um tubo.

Durante muitas noites foi a vez de Mário Mocito vir para as ruas desertas da aldeia e berrar à lua:

— Que é dele o homem? Venha o poeta, venha ele que tem aqui gente.

E depois aconteceu o mesmo a Augusto Boavida, o Prendas, a Zeca Americano, Sabino da Eira e a muitos outros.

Eram todos homens de génio. As mães calavam os filhos com a ameaça dos seus nomes, as suas memórias erravam pelas ruas da aldeia. E durante muito tempo se recordavam as marcas que tinham deixado por toda a parte: nas formas dos cajados e das navalhas, nos gestos de baralhar cartas para a vermelhinha, no toque das ameaças, nos mais belos e nos mais tenebrosos sonhos das crianças.

Mas dissolvido sobre tudo isto estava presente o desafio do poeta. O Poeta-mito ou o homem armado para defesa do agravo público, com unhas e com imaginação.

Homens destes necessitam de uma Poesia à altura da própria vida, de uma morte condigna que lhes leve o corpo e nos legue a sua memorável presença.

(Como se sabe, ha certas circunstâncias da vida em que o silêncio dos passos tem um inefável calor e é a maior força dos nossos mais secretos impulsos).

Falavamos pois, eu e o meu velho, do que seria a morte dos poetas e vimos que este banal acontecimento é realmente grande quando não significa mais do que um posfácio à sua obra de artista.

Nada de pompas nem de cortejos ornamentais (as maiores oratórias fúnebres dos últimos anos foram declamadas pelos próprios junkers às vítimas do incêndio do Reichstag), nada de consagrações turísticas nas agências noticiosas (... não obstante, Manuel de Falla morreu muito longe de Espanha e enquanto foi vivo dansavam-se as suas composições apenas nos cabares da Península. Não, nada disto — apenas um fim que se suceda sem sobressaltos à sua obra de artista.

E foi assim, que depois destas complicadas considerações, deixamos o fantasma de Poe amanchucado pelas sombras macabras que o acompanhavam, ao pé do busto de Palas e de uma garrafa meio vazia de *old-gin*. Muito simplesmente, o busto nada tinha a ver já com aqueles versos do «Corvo» de tão mutilado e sujo que estava: as moscas tinham-no salpicado por completo e as aranhas rodearam-no de teias grossas. E na garrafa, o *old gin* era um líquido amarelento, gorduroso e sem força.

Agora não falávamos já desse poeta do tal *rio das águas lodosas, ao longo de um deserto sombrio de gigantescos nenúfares* de que o meu velho tanto gostava.

Era doutro Poeta — de um poeta sem versos — e doutro rio — o Tejo.

Ali, a invernia assola as povoações ribeirinhas as árvores mergulham na água barrenta até aos primeiros ramos. E no céu, os patos bravos, as aves assustadas procuravam os ninhos desfeitos nos salgueirais vergastados pela ventania. Os camponeses, esses olhavam desolados à sua volta. «As cheias cobriram-lhes os olhos de água», dizia este nosso poeta, «perdidas as margens, o rio fez-se mar — mar de aflições».

O meu velho ouvia e acenava a cabeça como se duvidasse que pudesse lá ser uma coisa assim, cheias que invadissem os campos daquele modo, com bois aos berros vogando ao sabor da corrente, e homens isolados nos mouchões — perdidos e com terra à vista, os ferros das próprias charnua ainda enterrados a seus pés.

Assim contado, este Tejo não era o mesmo de Camões. Nem o de Cesário, nem o de Gomes Leal (e Nobre espantado diante da paisagem: «onde estão os nossos pintores, onde estão eles?»), nem a gente era a mesma daquelas conversas domingueiras do senhor visconde Garrett quando subia o rio certa vez.

Não. Este pintor era outro e o Tejo trazia agora uma nova voz. Isso, sim, trazia uma voz a que o meu velhote não estava por certo habituado, repassada daquele sabor do fantástico que acontece tantas vezes nas coisas mais vulgares, nos momentos iguais das nossas horas imperceptíveis.

Deu-se isto quando, já lá vão alguns anos, apareceu por aquelas paragens este nosso Poeta.

Chegou e mal os olhos correram pelas margens lassas do rio, descobriu a tragédia que desbarara sobre aquela gente simples. Viu que os valados se inundavam, as cobras e os bichos fugiam a rastejar entre as ervas, enquanto os homens presos à terra como raízes bravas, sentiam as cheias a tomarem volume, crescendo, crescendo à volta deles até lhes destelharem as casas.

E depois esta gente da Borda-de-Água, ao mesmo tempo unida e desgarrada, errando pelas lezírias inundadas com os filhos agarrados às pernas; e o abandono e as boas reportagens fotográficas de um espectáculo que é a todos os títulos admirável, oh! a violência, oh! a fúria dos elementos como se diz vulgarmente, não é verdade? e as notícias dos grandes socorros a prestar, os grandes prejuízos dos grandes proprietários e, naturalmente, os pequenos prejuízos dos pequenos proprietários e quase nada a registar no caso dos jornalheiros; e, finalmente, tudo isto e o terrível frio dos estranhos.

No fim de contas, era do terrível frio dos estranhos, o dos momentos mais ásperos da nossa vida, que falava. Contou algumas das histórias mais fantásticas que até à data o meu velho conhecera, e em nenhuma delas havia menos de fantásticos do que nas passagens do «Rei Peste» ou da «Pipa do Almontillado».

Havia terror em tudo isto, é facto, mas um terror que está nos vivos, que não vem dos mortos sem sepultura de Edgar Allan Poe, sem trevas de além-túmulo, nem as páginas negras dos protocolos macabros das cortes de Espanha, nem *old gin* para remédio e delírio da Poesia.

E havia esperança. Era disso que falava também o nosso Poeta.

Andou por lá com Coca, Malessio, Gatinhas, Pirica, e outros, que são o barro agreste da nossa melhor esperança. E foi armado desta esperança que lhes deu as mãos e viu com os olhos claros, bem claros, os trilhos mais invios dos caminhos do futuro.

Por isso não morreu como o Poeta Americano, com uma garrafa de *old gin* aos pés — cada qual, ouvi eu dizer muitas vezes ao meu velhote, acaba da maneira como viveu.

Ali estava, portanto, ali estava porque este nosso Poeta morreu assim: as sombras malignas dos Reinos da Perversidade não lhe velaram o cadáver, nem o terrível frio dos estranhos lhe correu o corpo gelado.

O meu velho também achava que sim, que se tratava de um Poeta, mas sempre me dizia que aquilo do Pêndulo...

— Oh, o Pêndulo agora já não é o mesmo, meu velhote.

— Nada disso, rapaz. Por mais que me venham com as coisas, ainda hoje...

É claro, o meu velhote teimava. Como sabem, o tal Pêndulo a que ele se referia ainda hoje estrebucha e domina sobre este vasto e profundo Poço. Sabemos muito bem que já não é o mesmo dos contos de Poe, que não é exactamente o mesmo.

Talvez porque nos tempos que correm é mais dura a vida dos poetas mas, caso curioso, não vivem nem morrem sózinhos.